



MIRANDO AO CELULAR: APRENDIZAGENS DE GEOGRAFIAS VIZINHAS

Hortência de Jesus Rodrigues Alves

welton.hortencia@gmail.com

Resumo

Este manuscrito surgiu a partir de minha experiência como professora. O fascínio das crianças pelo uso do telefone celular me provocou questionamentos: é possível problematizar aprendizagens de crianças sobre paisagens, lugares, espaço geográfico e a cartografia explorando o uso do telefone celular? Como potencializar os olhares do mundo e as aprendizagens em Geografia por meio dele? Os estudos para execução deste projeto terão caráter qualitativo, na perspectiva da pesquisa com o cotidiano, valorizando observações e diálogos com crianças, explorando a produção de fotografias, vídeos e vídeo-imagens na construção de conhecimento regional e territorial em diferentes escalas. Para tanto, o objetivo geral pretendido será problematizar aprendizagens de crianças sobre paisagens, lugares, espaço geográfico e cartografia com fotos, vídeos, vídeo-imagens, aplicativos e jogos eletrônicos desenvolvidos e /ou produzidos no celular. Os objetivos específicos serão: 1. Explorar fotos, feitas por crianças, de paisagens e lugares. 2. Analisar aprendizagens nas relações entre crianças e seus celulares. 3. Verificar a potência do uso do celular como recurso didático na aprendizagem das categorias geográficas: paisagem, lugar e espaço geográfico, bem como a cartografia. A pesquisa está sendo desenvolvida com crianças do 6º ano do ensino fundamental, de uma escola da rede privada de Campos/RJ, no período de fevereiro 2019 a junho 2019.

Palavras-chave: Ensino, paisagem, Geografia.

INTRODUÇÃO

Trabalhar com a docência sempre me exigiu mais do que ir até a escola e desenvolver um plano de aula. Eu olhava e ouvia as crianças para além do que trabalhávamos. Eu imaginava como seria se fosse de outro jeito, do jeito que elas gostariam de aprender.

Por causa disto, comecei a observar a paixão das crianças pelo celular e pelas fotos que faziam de tudo. Essa situação me levou a pensar numa proposta de estudos, mas eu sabia que só conseguiria tornar um estudo em uma pesquisa formal, com uma produção que me ajudasse

e aos meus colegas em nosso trabalho, se a organizasse num mestrado. Num esforço, me fiz mestranda.

Algumas questões começaram a tomar forma, ainda que de modo frágil: Como aproveitar a paixão das crianças por fotos, vídeos e vídeo-imagens, feitas por celulares, para aulas de Geografia? Quais conteúdos poderão manter a paixão delas e enriquecerem suas aprendizagens? Que metodologia de pesquisa pode ser usada para fazer esse trabalho? Qual universo escolar que pode ajudar a desenvolver esse estudo? Que autores podem ajudar a fundamentar a pesquisa e o desenvolvimento dos estudos

Considerando o entrelaçamento de estudos – Geografia escolar, fotografia, uso de celular em aula, aprendizagem – e a previsão de tempo disponível, iniciei uma pesquisa que permitisse fortalecer minha proposta. Inicialmente, partindo da experiência com o ensino de geografia, no decorrer de minha carreira, e considerando o estudo de geografia escolar na licenciatura, escolhi as categorias paisagem, lugar e espaço geográfico para realizar a pesquisa. Também considerei a relação mais evidente entre foto, vídeo e vídeo-imagem com a paisagem e o lugar, nessa escolha. Ao longo dos estudos, dedicarei tempo para fundamentar a relação com o currículo escolar.

No caso do presente trabalho, a associação da fotografia ao ensino de Geografia concomitantemente com o uso do celular, me levou a pesquisar com alunos em anos finais da Educação Básica, na escola da rede privada em que trabalho. Dois motivos me levaram a essa escolha: primeiro, o estímulo do pessoal da escola, favorecendo as condições para pesquisa e o fato do sexto ano ter sido aberto para atender alunos que nela estudaram desde o início de sua escolarização, o que ajuda no entendimento de sua formação escolar; segundo, a maior incidência de pesquisas realizadas em escolas públicas, como se as escolas privadas, também, não fossem espaços plausíveis de pesquisas.

COMEÇANDO A PESQUISA: JUSTIFICATIVA E PROBLEMA

Em minha jornada como docente tive experiências significativas com crianças, em turmas de 1º, 2º e 5º anos do Ensino Fundamental. Em meio a essas vivências com as crianças, busquei desenvolver e aprimorar habilidades e competências. Como esses foram os meus



primeiros anos de trabalho, após o término do Ensino Normal, aprendi muito com as crianças e suas singularidades.

Em turmas do 1º e 2º anos explorei recursos didáticos que favorecessem potencializar o processo de ensino-aprendizagem e sanar problemas de cognição. As turmas do 5º ano me apresentaram novos desafios. Nelas lidei com pré-adolescentes “antenados” nos acontecimentos locais e mundiais, bem informados pelo acesso às notícias e protagonistas em leituras delas, ávidos em entenderem o mundo. Os jovens do tempo atual são dinâmicos, são curiosos, são sujeitos operantes no mundo e esperam de professores, como eu, aulas prazerosas e intensas em provocações que os atraiam e lhes deem significados.

Trabalhei com músicas, encenações, fotografias, gincanas, jogos interativos, entre outras propostas metodológicas, com uso de variados recursos didáticos. Neste trabalho pude perceber que alunos se envolvem mais em aulas em que são instigados a participar ativamente, a fazer parte do processo de construção do conhecimento. No decorrer desta trajetória percebi que ser professor implica em saber olhar o outro, como enfatiza Charlot: “temos de ler o mundo com a lógica dos outros, com os olhares dos outros, para entender como se constrói a experiência dos outros, como se estrutura o mundo dos outros.” (2013, p.163).

Com esta perspectiva, entendo que o docente deve investir em conhecer seus alunos, suas expectativas, suas ideias, seus valores, elaborando, para isto e a partir disto, estratégias de mediação didática e de interação entre sujeitos da educação, para que o processo de ensino e aprendizagem ocorra com mais facilidade e para que os alunos se apropriem e reflitam sobre os conteúdos discutidos e analisados em aula. Nesse sentido, entendo mediação didática como: “um processo de constituição de uma realidade a partir de mediações contraditórias de relações complexas, não imediatas.” (LOPES, 1999, p.209).

Os educadores em sua prática educativa podem levar o aluno a uma leitura significativa das paisagens e lugares que formam seu mundo circundante abrindo possibilidades de aprendizagens do cuidado com o mundo, assim como conhecimento do passado e projeções de futuro. Contrariamente, promovendo a leitura não reflexiva do mundo que cerca a criança, anulamos a “curiosidade epistemológica” (FREIRE, 2013) e sua capacidade criativa na leitura de mundo, anulando a heterogeneidade cultural existente em salas de aula. As crianças ficam

desmotivadas, sem coragem de enfrentar o que as assombra, não questionam e se tornam meros espectadores ou coadjuvantes de quem os manipula.

COMEÇANDO OS ESTUDOS: METODOLOGIA DE PESQUISA

Concepção de pesquisa

Para o desenvolvimento desse trabalho, me pareceu coerente e propícia a aplicação de uma pesquisa qualitativa, levando em conta que

“a pesquisa qualitativa considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. (...) O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. É descritiva.” (SILVA, 2005, p.20)

Com essa perspectiva optei pela pesquisa com o cotidiano, cuja prática já faz parte do meu fazer docente, considerando que espreitar a vivência escolar, trazendo à tona a complexidade dos saberes e fazeres, estimula a autonomia das pessoas da comunidade escolar tornando-as sujeitos e não objetos de pesquisa, sendo assim produtores de conhecimento. (ALVES e GARCIA, 2002; FERRAÇO, 2007).

Na pesquisa com o cotidiano, segundo Alves: os sujeitos do cotidiano da escola tecem redes de práticas e de conhecimentos (CERTEAU, 1994), trançadas nos múltiplos contextos nos quais vivem (SANTOS, 2000), o que me indica que, nesta vivência de todo dia, na necessidade de transmitir ao outro o que vão acumulando quanto a conhecimentos e ações, esses sujeitos se expressam em histórias, contadas e recontadas muitas vezes. (ALVES, s.d. p. 1).

A pesquisa com o cotidiano implica em princípios:

- Sentimento do mundo – mergulhar sem restrições no que se pesquisa;
- Virar o mundo de ponta a cabeça - compreender que teorias, conceitos e noções que herdamos das Ciências da modernidade são fontes de estudo, mas não limitam o que se estuda;
- Beber em todas as fontes – ampliar modos de lidar com a diversidade, o diferente e o heterogêneo;



- Narrar a vida e literaturizar a ciência - narrativas que se tornam visíveis ao lugar do pesquisador. (ALVES e GARCIA, 2002; FERRAÇO, 2007).

Instrumentos e técnicas

O estudo em Geografia ao longo da história se baseou na análise e caracterização dos espaços e a relação dos atores que os constituem. A partir de uma análise minuciosa e descritiva dos elementos que compõem a Geografia, estão sendo realizados registros por meio de desenhos, narrativas e escritos.

Nesta perspectiva, Ribeiro (2013, p.24) ensina: Voltando-nos à epistemologia da Geografia, a imagem sempre esteve presente nos métodos de análise geográfica. Na geografia moderna de Karl Ritter e Humboldt dentre tantos outros, por exemplo, pensar geografia como ciência se deu pelo estudo do sistema natural das relações espaciais como objeto da geografia. A imagem vista ou grafada passou a integrar um processo empírico de corroboração de seus métodos de análise.

A Geografia vive numa busca constante pela melhor forma de representar e entender o espaço em todos os seus aspectos. Neste sentido, a representação imagética tem facilitado essa busca, uma vez que, por meio dela, ficam registrados tempos e espaços em constante transformação. A imagem favorece o entendimento de algo, dando-lhe um sentido, uma significação.

Ao pensar na possibilidade de potencializar o Ensino da Geografia, visando uma aprendizagem significativa, por meio do uso do celular e de fotografias, vídeos e vídeo-imagens, para análise e compreensão das categorias paisagem, lugar e espaço geográfico analisando as referências relacionadas ao seu uso na Geografia, com Júnior(2009)), encontrei uma indicação de um caminho a percorrer:

No campo da Geografia, ao final dos anos 1970, Yves Lacoste escreveu que "hoje em dia não há mais somente a geografia dos professores, mas também aquela que veiculam a televisão, o cinema, os cartazes, os jornais..." (1981, p. 231). Vertentes mais recentes, como a Geografia Cultural e a Geografia Humanística, passaram a tomar para si as imagens como fenômenos de interesse geográfico, partindo do princípio de que elas atuam fortemente na atual partilha do sensível, realizada também nas narrativas em imagens acerca do mundo no qual vivemos. (JÚNIOR, 2009, p.18).

Dentre as imagens, a fotografia, os vídeos e vídeo-imagens são utilizados nas redes sociais fascinam e encantam a todos com seus contrastes de luz e sua capacidade de abarcar em uma tela pessoas, paisagens, lugares, emoções, ações que delimitam um tempo e um espaço específico.

Neste sentido Dantas (s.d. p. 1) afirma que: “Toda fotografia circunstancia um tempo e um espaço, mas também, é a arte da transcendência espacial e temporal. Ela nos faz rir, recordar, chorar, excitar, calar, imaginar, projetar cenários e histórias.”

Analisando esses novos estudos, novas interrogações se somavam às iniciais, antes que eu pudesse sistematizar a questão de pesquisa:

A fotografia pode ser uma ferramenta para o ensino de paisagens no estudo da Geografia?

Que geografias podem ser desveladas por meio de fotos, vídeos e vídeo-imagens?

Como utilizá-los para contribuir com o processo ensino-aprendizagem da disciplina Geografia?

Que significações acerca da paisagem, do lugar e do espaço geográfico podem ser reveladas por meio de fotografias, vídeos e vídeo-imagens?

A intensa relação entre alunos, sujeitos ativos da pesquisa, e seus celulares que fotografam, produzem vídeos, executam jogos, favorece a construção dos conceitos e entendimentos das categorias geográficas paisagem, lugar e espaço geográfico registradas nas fotografias e vídeos. Acredito que a participação dos alunos, a produção conceitual teórica e prática justificam a escolha e sustentam o fazer nesta metodologia.

Além da fotografia e vídeos, a narrativa tem sido um dos instrumentos para a pesquisa pois, no âmbito escolar, com crianças, estimula diálogos que favorecem a aprendizagem e a produção de dados. A narrativa permite que vivam a constância do “aprender a aprender” como a(u)tores. Funciona como: [...] um método-fonte-técnica de pesquisa que produz fontes de consulta sobre acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, a partir de sujeitos envolvidos com o objeto da pesquisa e não pretende um “resultado”, assim como não apresenta receitas prontas sobre o seu fazer: é do campo que emergem seus achados. (ALBERTI, apud FRIGÉRIO, 2010, p.48)



As narrativas têm sido exploradas com outros instrumentos de pesquisa, dos quais elas estão sendo produzidas: rodas de conversas, produção de vídeos e fotografias, uso de aplicativos e jogos e estudos em campo.

Os materiais utilizados incluem aqueles usuais em aulas, acrescidos de vídeos, vídeo imagens, fotografias, celulares e/ou ipads, tablets com câmeras, impressoras (e respectivos complementos) e expositores de imagens.

ESPAÇOS, TEMPOS DA PESQUISA UNIVERSO E SUJEITOS

A investigação tem seguido as seguintes etapas, que não estão acontecendo de maneira linear, mas num arranjo simultâneo e integrado ao longo da pesquisa:

- ✓ Levantamento bibliográfico para seleção de textos de fundamentação e discussão da produção teórica: busca em banco de dados da CAPES, em artigos científicos de revistas de universidades, na produção de livros recentes e de livros clássicos nas áreas de ensino de Geografia, da ciência geográfica e da educação.
- ✓ Pesquisas em campo, com realização de rodas de conversas, registros e narrativas dos alunos, produção e coletas de fotografias, vídeos, vídeo-imagens feitas pelos alunos: identificação e elaboração de perfil dos alunos, sujeitos da pesquisa; apresentação do perfil e localização da escola; apresentação de proposta de estudo em campo, produção e apresentação das fotografias, vídeos e vídeo-imagens; criação de critérios de análise e discussão sobre os vídeos, vídeo-imagens e fotografias em consonância com a fundamentação teórica pesquisada.
- ✓ Análise e discussão dos dados produzidos, com base nas pesquisas teóricas e práticas que estão sendo efetuadas.
- ✓ Redação dos achados de campo.

O campo de atuação e desenvolvimentos do trabalho é o Centro Educacional Polegar, situado na Rua Doutor Beda,98 – Parque Rosário, Campos dos Goytacazes, RJ. A escola oferece a comunidade a Educação Infantil e o Ensino Fundamental Anos iniciais e finais. Foi fundada em 2007 por Ulisses Cardinot. O Polegar nasceu com uma proposta de oferecer uma Educação alicerçada em princípios e valores. Desde então, a escola busca manter-se fiel a essa premissa, evoluindo diariamente.

No DNA da escola estão a prática do verdadeiro sociointeracionismo, a certeza de que o aluno precisa ser o protagonista do processo de ensino-aprendizagem e a crença de que projetos pedagógicos devem conter ensinamentos que impactem os alunos enquanto indivíduos e verdadeiramente ultrapassar as fronteiras da sala de aula. (Fonte: <http://pequenopolegar.com.br>)



Fachada da escola.



Localização da escola. Fonte: Google Maps

Os pré-adolescentes, sujeitos destaque desta pesquisa são animados, vibrantes, curiosos e amam dialogar. Nenhuma fala, nenhuma história, fato ocorrido, fotografias e vídeos produzidos lhes passam despercebidos: as aulas antes e durante o desenrolar deste projeto têm sido embaladas por questionamentos, opiniões irreverentes e conhecimentos prévios cheio de significações e peculiaridades.

Eles são amorosos, parceiros e amam produzir fotografias e vídeos para postar nas redes sociais. Viajar nas páginas da *web* é um dos *hobbys* preferidos deles! A turma gosta de compartilhar seus conhecimentos, a cada problematização, elaboração de fotografias e vídeos, jogo experimentado, aplicativo utilizado, há uma pausa para os comentários, para tirar dúvida, para tecer conhecimentos e agregar as falas e conceitos um pouco de si, um pouco do seu mundo, do seu olhar geográfico.

O universo escolar é apaixonante. Amo a sala de aula, os sujeitos que a compõem e os saberes tecidos nela. Os sujeitos em especial, me incentivam a dar o melhor de mim, a superar minhas limitações auxiliando-as no processo ensino-aprendizagem, via de mão dupla onde se ensina e se aprende.



INVENTANDO MODOS DE GEOGRAFAR COM IMAGENS E VÍDEOS

As imagens e vídeos tornam-se parte integrante do ensino de geografia. Seus autores são os pré-adolescentes envolvidos, cada um com sua história de aprender, como peça perfeita para encaixar na imagem construída para a pesquisa de aprender. As fotografias e vídeos que estão sendo produzidos funcionam como um tecido onde bordam suas compreensões sobre as categorias geográficas: lugar, paisagem e espaço geográfico. Tecido este, composto por linhas e formas que exemplificam materialmente como os pré-adolescentes concebem categorias geográficas, como a orientação espacial. O trabalho de campo será o espaço tempo que permitirá os alunos viajarem, voarem no processo ensino-aprendizagem, para além dos muros da escola.

Empreender o momento da pesquisa exigiu o planejamento detalhado das aulas, com escolhas de ações e de recursos didáticos, com questionamentos intencionados e flexíveis, com espaços e tempos previstos de forma a buscar caminhos futuros de novas aprendizagens.

Na primeira etapa foi feita uma análise do livro didático dos alunos visando analisar as concepções epistemológicas utilizadas para trabalhar as categorias paisagem, lugar e espaço geográfico. O livro apresenta a categoria lugar de acordo com a perspectiva da Geografia Humanista, utilizando como referência o geógrafo Yi-Fu Tuan, já as categorias paisagem e espaço geográfico são trabalhados na perspectiva da Geografia crítica utilizando como referência o geógrafo Milton Santos.

Tendo em vista a apresentação das categorias geográficas citadas, sob perspectivas epistemológicas distintas, no livro didático, e o quanto a escolha das concepções epistemológicas trabalhadas contribuem e interferem no processo de construção do raciocínio geográfico, optei por utilizar a Geografia Humanista como referência para construir e analisar as compreensões dos pré-adolescentes no que tange as categorias paisagem, lugar e espaço geográfico.

A escolha pela Geografia Humanista também se deu, a partir da necessidade de aproximar os conceitos da realidade dos alunos e de trazer a ludicidade e a imaginação de modo que lhes façam sentido. A Geografia Humanista permite uma análise do espaço baseada nas experiências, nos simbolismos, na construção da mente, no lúdico.

Nesse aspecto, Cavalcanti (2010) apresenta alguns pontos que os professores de geografia devem considerar para tornarem suas aulas mais atrativas e principalmente motivar seus alunos para que a aprendizagem seja significativa. Dentre os pontos, a autora cita a necessidade do professor expor aos alunos com clareza a relevância dos temas abordados em sala, vinculando-o com o cotidiano, para que a construção do saber geográfico faça sentido e também destaca a importância de reconhecer as ligações, conexões da espacialidade das crianças, da sua cultura com o que está sendo proposto no currículo.

Visando atender a tais pontos e contribuir para a construção do raciocínio geográfico com um caráter humanista que lança mão da epistemologia para entender cada parte do processo de construção do espaço geográfico e dos sujeitos que o compõe foi elaborado um material didático em folha para elucidar as categorias paisagem e lugar utilizando como base de referência os geógrafos Eric Dardel e Yi-Fun Tuan.

Após a elaboração do material o projeto começou a ganhar forma no cotidiano escolar com os sujeitos que a compõe. Os alunos foram questionados sobre o que era uma paisagem. Cada um apresentou sua visão. Dentre as colocações ficou explícito que a categoria paisagem estava ligada ao que era belo ou feio, aos elementos naturais e os alunos não se sentiam parte integrante da paisagem. Somente uma aluna achava que a paisagem também poderia ser composta também por elementos artificiais, ou seja, para ela a paisagem representava a junção de elementos naturais e artificiais.

Dando continuidade, houve uma indagação de como poderíamos materializar a paisagem. Quase que de forma conjunta os alunos elencaram a fotografia e o desenho como uma das melhores formas de materialização e que o celular poderia ser um aliado, uma vez que possui câmera de fácil acesso e manipulação.

Sendo assim, os discentes saíram em busca de paisagens que justificassem suas definições mencionadas em sala e suas percepções acerca desta categoria. Veja algumas fotografias registradas pelas câmeras dos celulares e ipads.



Jardim da escola. Aluna: Celinha, 11 anos



Paisagem- retrato de uma bela flor – Jú, 11 anos

Em sala, os alunos tiveram que justificar e explicar suas fotografias tendo em vista que elas definiam o que era paisagem para eles. Citarei aqui a justificativa das duas alunas referentes as fotografias acima. A Celinha¹ diz que “*o jardim representa uma paisagem, pois é bem bonito, tem cores vivas e tem natureza. A paisagem é natureza.*” A aluna Jú² segue quase a mesma perspectiva, acrescentando a importância do posicionamento da câmera do celular para o registro de uma boa foto a partir de um ângulo apropriado: “*O foco ficou bom, as cores são bem legais, tem cores vivas. O foco ajuda na representação da paisagem.*”

Após ouvir as análises das fotografias tiradas por eles e o porquê elas representam a categoria paisagem em sua perspectiva, os alunos registraram algumas palavras chaves que foram citadas em suas falas de análise: beleza, montanha, natureza, pôr do sol, ambiente natural, cores vivas.

Analisando as falas, as fotografias produzidas e palavras chave elencadas percebe-se que os discentes consideram como paisagem somente o que os seus olhos veem, eles não conseguem ir para além do visual, do que consideram belo ou feio. Se detém apenas a materialização do espaço no que tange aos elementos naturais.

A partir de então, eles foram desafiados a analisar novamente as fotografias não se detendo somente aos seus aspectos visuais, mas ao que elas lhes remetiam. Os alunos trocaram sus fotografias com os colegas ara que estes também pudessem expressar suas percepções. Essa

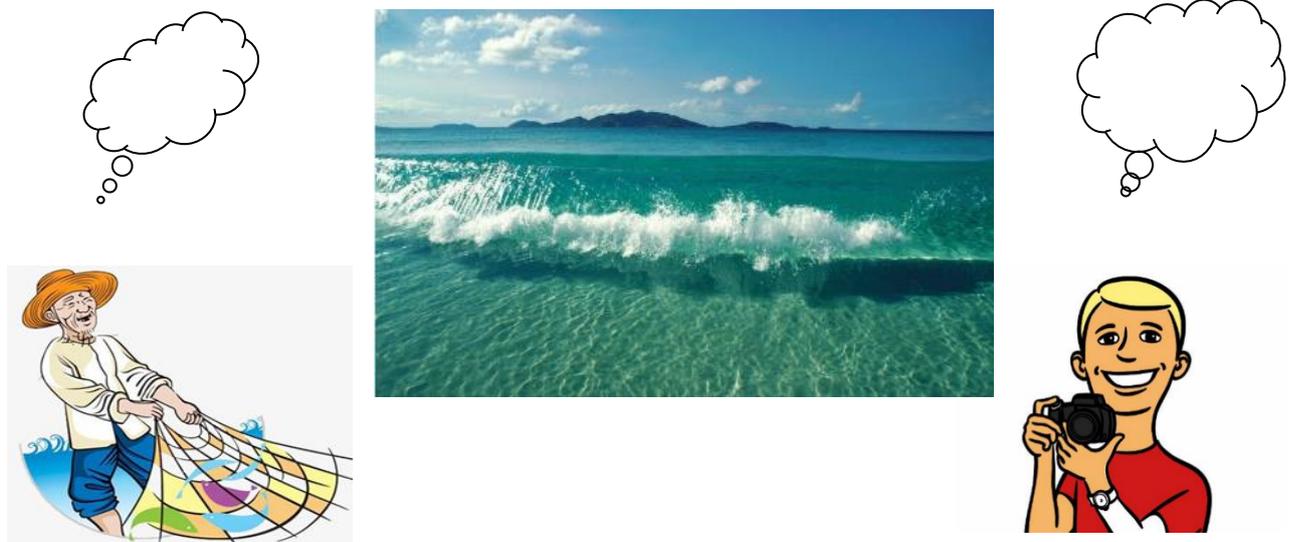
¹ Pseudônimo.

² Pseudônimo.

discussão foi fomentada e aprofundada com o uso do material em folha escrito pela própria autora a partir da análise dos estudos de Y-Fun Tuan (1983) (no qual apresenta a paisagem como uma construção da mente. Ela excede o visível. Ela não nos mostra somente elementos artificiais e naturais. Ela apresenta a relação dos homens com a natureza a partir dos seus olhares e valores. Para exemplificar e facilitar a compreensão dos alunos eles analisaram uma imagem de uma paisagem e tiveram que escrever as percepções de duas pessoas distintas com relação a mesma. Vide abaixo:

- Observe a imagem a seguir e escreva suas percepções quanto a ela dentro do balão no boneco turista e depois imagine e escreva no balão do pescador quais seriam as percepções dele referente a mesma imagem.

MAR



Fonte: https://pt.pngtree.com/freepng/fish_2807200.html

Fonte: <https://galeria.colorir.com/profissoes>

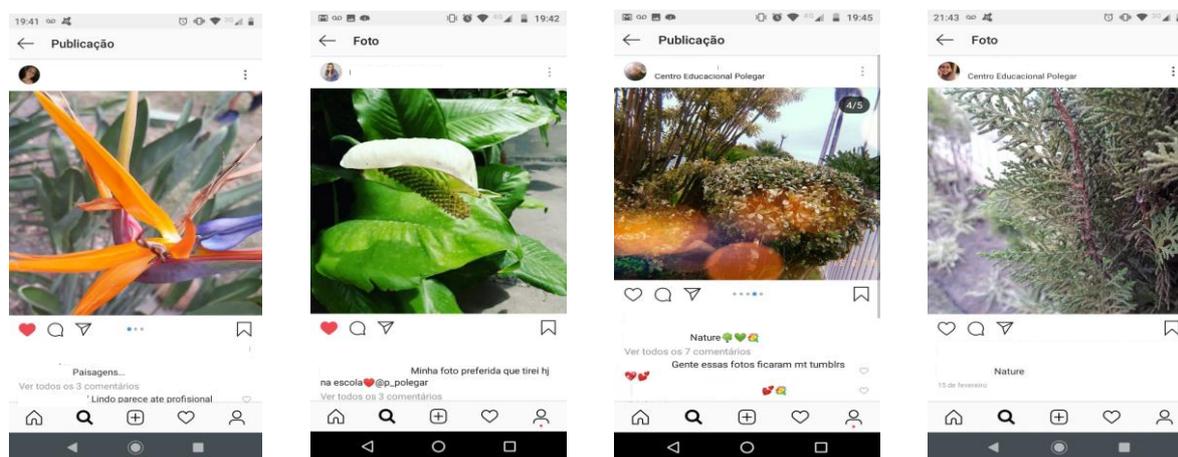
A atividade proposta atingiu o objetivo proposto: fazer com que os alunos compreendam a categoria paisagem por meio da perspectiva da Geografia Humanista, que os dá liberdade de criação e interpretação da relação do homem com a natureza. Os alunos conseguiram fazer links com as fotografias que tiraram citando que cada fotografia apresenta um modo de olhar de cada um e que nem sempre serão iguais e que ao analisar uma paisagem representada por



meio de uma foto ou tela nossa imaginação pode criá-la e recriá-la diversas vezes de acordo com suas vivências, experiências e valores construídos ao longo da vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho está ainda dando os seus primeiros passos rumo aos objetivos citados e a resolução ou não das questões-problema explicitadas. No entanto, o retorno que o trabalho já tem tido por parte dos pré-adolescentes, sujeitos dessa pesquisa, inclusive nas redes sociais, demonstram que estou no caminho certo e que talvez o celular pode ser um grande aliado no que tange a construção dos conhecimentos geográficos a partir dos olhares, percepções e suas vivências.



A contribuição para a melhoria da educação no Brasil virá de dentro da escola. Os que vivem o cotidiano escolar, professores e alunos, conseguirão apontar novos caminhos e “jeitos” de se fazer a educação. Ouso trabalhar com entusiasmo, pois entendo que preciso estar na escola, vivenciar cada dia, conhecer os alunos, para por meio das minhas experiências poder trazer alguma contribuição. Tal afirmativa nos remete ao sentimento de mundo que Alves e Garcia (2002, p.260) falam: “sentir o mundo e não só olhá-lo, soberbamente, do alto ou de longe.” Buscar entender, de maneira diferente do aprendido (que já sabemos não dar conta do que buscamos), as atividades do cotidiano escolar ou do cotidiano de modo geral, exige que estejamos dispostos/as a ver além daquilo que outros já viram e muito mais: que sejamos capazes de mergulhar inteiramente em uma determinada realidade, captando sutilezas sonoras, sentindo a variedade de sabores, tocando coisas e pessoas e nos deixando tocar por elas, cheirando os cheiros que estão em cada ponto de nosso caminho diário e aprendendo a ler o

corpo, este desconhecido que tantos sinais incompreensíveis nos dá (ALVES; GARCIA, 2002, p. 261).

REFERÊNCIAS

- ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite. **O Sentido da Escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- CAVALCANTI, de S. Lana. **A Geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos, alternativas**. Anais do I Seminário Nacional: currículo em movimento – Perspectivas Atuais Belo Horizonte, novembro de 2010.
- CERTEAU, M. A invenção do cotidiano 1: as artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHARLOT, Bernard. Da relação com o saber às práticas educativas. São Paulo: Cortez, 2013.
- DANTAS, Maria Eugênia. **José Ezelino: Escritos pela luz**. Disponível em: <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema4/0464.pdf> . Acesso em 9 de agosto de 2018.
- FERRAÇO, C. Eduardo. **Pesquisa com o cotidiano**. Educ. Soc., Campinas, vol. 28, n. 98, p. 73-95, jan./abr. 2007 73 Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v28n98/a05v2898.pdf>
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 44º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013
- FRIGÉRIO, Regina. **“Essa rua é a melhor do mundo...” Vivências do lugar MUNDO-RUA foto - “grafado” por crianças**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.
- JÚNIOR, O. M. Wenceslao. **Dossiê: A educação pelas imagens e suas geografias**. Pro-Posições, Campinas, v. 20, n. 3 (60), p. 17-28, set./dez. 2009.
- LACOSTE, Yves. Geografia. In: JÚNIOR, O. M. Wenceslao. **Dossiê: A educação pelas imagens e suas geografias**. Pro-Posições, Campinas, v. 20, n. 3 (60), p. 17-28, set./dez. 2009.
- LOPES, A. C. **Conhecimento escolar: ciência e cotidiano**. RJ:EDUERJ, 1999.
- RIBEIRO, S. Roberto. **Geografia e imagem: a foto-sequência como metodologia participativa no 9º ano do ensino fundamental de geografia**. 2013. Disponível em: <http://nepegeo.ufsc.br/files/2015/12/Geografia-e-imagem.pdf>. Acesso em 09 de agosto de 2018
- SILVA, Edna Lúcia. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. rev. atual. Florianópolis: UFSC, 2005.
- TUAN, Y. F. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo :Difel, 1983.